

CULTURA E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DE UM OUTRO MUNDO POSSÍVEL

Graciela Pavelacki Oliveira¹
Sidinei Pithan da Silva²

INTRODUÇÃO

Este texto procura compreender o papel da cultura e da educação no contexto da globalização, cenário em que as coisas e atitudes se tornam cada vez mais rápidas, instantâneas e líquidas. Destacar um conceito possível para conceber o discurso sobre a cultura torna-se relevante em medida que nos permite situar seu lugar no âmbito das ciências sociais, bem como para pensar caminhos para a mudança social e educacional.

OBJETIVOS

O estudo objetiva analisar o conceito de cultura nas obras de Zygmunt Bauman, procurando compreender suas relações com o cenário da globalização, e com os desafios da educação no campo do pensamento das teorias críticas.

METODOLOGIA

O enfoque metodológico orienta-se por um enfoque hermenêutico e crítico-dialético, tendo como perspectiva uma análise das principais obras de Zygmunt Bauman, em que o autor destaca e explicita o conceito de cultura e de globalização. O fundo teórico-metodológico, ampara-se em pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, sendo o caminho escolhido orientado por uma interpretação acerca do lugar das categorias - cultura e globalização - no contexto amplo da obra de Zygmunt Bauman, o que pode nos ajudar a perceber sua interface com os discursos críticos em educação, em ciências sociais, e, particularmente, para pensar a mudança social em tempos de globalização.

¹ Doutoranda em Educação nas Ciências - UNUJUÍ. Professora da Educação Básica dos Estado do Rio Grande do Sul. Unistalda - RS. Contato: graciela.oliveira@sou.unijui.edu.br

² Doutor em Educação (UFPR). Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências – Unijuí-RS. Contato: sidinei.pithan@unijui.edu.br

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente a temática sobre a globalização está presente em debates, noticiários, revistas e livros, sendo a mesma estudada e vivenciada, tornando-se muitas vezes sinônimo de felicidade ou de infelicidade. Ela parece indicar algo que se refere a uma nova dinâmica espaço-temporal, que afeta sobretudo o modo como somos atingidos.

Zygmunt Bauman (1999) interpreta que a globalização atinge a todos e de certo modo estamos sendo globalizados. O autor ressalta como grande desafio de nosso tempo a separação entre poder e política, sendo que esta se relaciona ao desenvolvimento das desigualdades econômicas, políticas e culturais. O pano de fundo em que precisaríamos conceitualizar a categoria cultura nos dias de hoje ocorre em um novo cenário social, em que as forças extraterritoriais do capital, se globaliza, e isso parece significar, que o termo globalização, significa mais o que está ocorrendo conosco, do que o poder que temos para controlar o curso dos acontecimentos.

O conceito de cultura, do mesmo modo que a problemática educacional, atravessa uma mudança, a qual pode ser percebida em três grandes momentos ao longo da modernidade. O último momento parece coincidir com a condição da globalização. No primeiro momento, na história da modernidade, após o século XVII, a categoria cultura ocupa o lugar que representa o poder do humano, sua autoconsciência de que o mundo é permanente criação. O termo cultura nasce revolucionário, estando, conjuntamente com as grandes mudanças em curso significando certo poder do humano de conhecer e transformar o mundo.

Durante o século XX, o conceito de cultura, assume uma face conservadora, ou estabilizadora, indicando que nem tudo pode ser revolucionado, e que o termo cultura deveria ajudar a estabilizar e conservar o mundo, em que não poderiam haver grandes mudanças sociais. Ambos os momentos, fazem parte, segundo Zygmunt Bauman, do cenário de uma modernidade que embora tenha reconhecido e entrado na condição de mudança

social como dinámica permanente, buscó asumir na noção de cultura, algo que pudesse servir de fundamento para guiar e administrar a sociedade.

No primeiro momento, o termo cultura serve de base elementar para representar o significado e a relevância de se educar. A grande questão de fundo gira em torno da criação de um mundo racional, e de uma forma de subjetividade capaz de autonomia e esclarecimento a partir das luzes da ciência. Ambas as instâncias subsidiam o grande projeto de construção da lógica do Estado-Nação moderno. O progresso das luzes representa a busca pelo progresso de algo que pudesse servir como objeto que substitui a fé na teologia, e passa a se orientar pela fé nos objetos da ciência. Zygmunt Bauman denomina modernidade sólida esta fase da modernidade.

Nesse sentido, Bauman destaca o conceito de cultura já apurado por Bourdieu, que “captou a cultura em seu estágio homeostático, a cultura a serviço do status quo, da reprodução monótona da sociedade e da manutenção do equilíbrio do sistema, pouco antes da perda de sua posição, perda inevitável e que se aproximava depressa”. (BAUMAN, 2013, p.10). Essa visão de cultura servia muito mais para justificar o pertencimento a uma classe social do que propriamente uma definição de mudança. Agora Bourdieu, de certa forma corrobora o conceito de sociedade líquida, onde a cultura está voltada para despertar tentações, estímulos, enfim, induzir ao consumo.

Esse consumo, inclui-se aí a cultura, sugere que o indivíduo tenha liberdade de escolha e também responsabilidade sobre essa escolha, de forma individual. Mas ao mesmo tempo incute no indivíduo que essa escolha seja e continue sendo uma necessidade e um dever inevitável da vida, sobre as quais o mesmo assume sua responsabilidade e arca com as consequências, que foram sendo impostas ao longo da condição humana e ao mesmo tempo fazendo com que perceba tudo isso como se fosse algo que faz parte das suas escolhas.

Diante de tal situação pode emergir um conflito de identidade, onde as diversas possibilidades de escolha que surgem e que os indivíduos são obrigados a fazer, em cenários que estão em constante mudanças, acabam levando a uma sociedade de pessoas insatisfeitas.

Nesse contexto, a cultura da modernidade líquida tem, prioritariamente, clientes a seduzir e ao mesmo tempo manter as necessidades despertadas como permanentemente irrealizadas, gerando assim um estado de insatisfação,

onde os líquidos fluem rápidos e preenchem vazios com facilidade, de modo que penetram em qualquer ambiente.

Na tentativa de nos apresentar um conceito de cultura condizente com a sua maneira de pensar, Bauman observa que, para Adorno, “a cultura representa interesses e demandas das pressões particulares em oposição às pressões homogeneizantes do “geral – e assume posição inarredavelmente crítica em relação ao atual estado de coisas e suas instituições”. (BAUMAN, 2013, p.69). Aqui a cultura seria um fator de crítica ao estabelecido.

Bauman nos diz ainda que Hanna Arendt prefere vincular o conceito de cultura ao de beleza como sinônimo que foge aos padrões da racionalidade, desfazendo assim a ideia de cultura como bem de consumo, ou forma de satisfação de necessidades.

No cenário da Globalização, ao final do século XX, o termo cultura passa por uma mudança, conjuntamente com a própria dinâmica da vida social. Zygmunt Bauman aponta aqui o cenário de uma crescente mercantilização, e da presença de uma força individualizadora, a qual coincide com crise da modernidade sólida, e o advento de uma modernidade líquida.

Com isso, os efeitos produzidos pela mercantilização de todas as coisas são a decadência da doação, do gratuito, do oferecimento, do serviço prestado, o quase desaparecimento do não monetário, que ocasiona a erosão de qualquer outro valor que não o atrativo do consumo e do lucro, onde os valores presentes na sociedade em que nos inserimos, que são modificados e repensados no decorrer de nossas vivências culturais.

O cenário parece ser o de um mundo funcional, em que a própria cultura estaria, em parte, relacionada com a reprodução da sociedade de consumo. Mas, seria este o fim (a finalidade) da categoria cultura, no universo da modernidade líquida ou da sociedade globalizada?

Para Bauman

“A “globalização” sustenta-se basicamente numa rede de dependências inter-humanas, ampliada a dimensões globais. A questão, contudo, é que esse processo não se faz acompanhar do aparecimento de uma gama equivalente de instituições de controle político capazes e eficientes, ou algo como uma cultura verdadeiramente global. A separação entre poder e política está estritamente ligada ao desenvolvimento desigual da economia, política e da cultura.” (BAUMAN, 2013, p.54).

Nosso desejo de que os direitos coletivos se tornem universais acabam comprometidos diante dessa rede de dependências da globalização, que privilegia muito mais a economia ficando dessa forma dissociada da política e da cultura. Parece que somos muito mais objetos do que propriamente agentes de instituições.

Juntamente com a globalização vivenciamos a era da informação, onde o global se torna local e o local/global, ou seja, o poder extraterritorial permite a compressão do espaço e a aceleração do tempo, então, na medida que não confere valor ao espaço, o tempo é instantâneo, podendo ser manipulado, corrompido e encurtado. Assim juntamente com a fluidez temos a instantaneidade, mostrando o consumo como uma forma individual de sentir-se pertencente a comunidade e seguro, ressaltando que, aos que não se enquadram nesse perfil, existe toda uma manobra para deixá-los distante e invisível.

Assim, através do conceito de cultura líquida moderna para o cenário brasileiro, Silva (2021) nos diz que no nosso solo esse sentimento se assemelha ao que acontece em outros países, ressalvadas as particularidades. Questiona, assim, o significado de uma educação emancipatória, crítica e democrática diante de uma nova forma de agir docente. Traz, para reafirmar seu questionamento, a ideia de Castoriadis (2007), segundo a qual a educação pode ampliar as possibilidades de sociedades autônomas e democráticas, capazes de nos levar ao questionamento do que nos é dito. Outorgando para a educação um papel fundamental e determinante nesse contexto cultural e globalizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Zygmunt Bauman, ao dialogar com autores como Pierre Bourdieu, Hannah Arendt, Theodor Adorno e Cornelius Castoriadis, parece apostar que o termo cultura precisaria ser significado de forma ambivalente, representando também o poder da referida categoria como forma de reflexividade, e portanto, de busca da liberdade. Este modo de entender a cultura, e sua relação com a constituição do mundo, pode nos ajudar a analisar sua relação com a educação nesse contexto globalizado que vivenciamos, e porque não dizer, repensar a

forma como que ela pode criar e fortalecer o pensamento crítico, bem como uma cultura do diálogo, a qual, quem sabe, nos permita enfrentar os desafios de nosso tempo, aproximando os vínculos entre poder e política.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **A Cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

MORIN, Edgar. **O Método 5. A humanidade da humanidade: a identidade humana**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização- do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2001.

<https://www.researchgate.net/publication/356557270> Educacao e cultura autoritaria no cenario da Modernidade LiquidaFlexivel repensando a acao do cente em sentido democratico e emancipatorio. Acesso em: 11 de mai.2022